

Revista anti-moderna, anti-liberal,
anti-democrática, anti-bol-
chevista e anti-bur-
guesa

ORDEM NOVA

Contra-
-revolucionária;
reaccionária; católica;
apostólica e romana; monár-
-quica; intolerante e intransi-
-gente; insolidária com escritores,
jornalistas e quaisquer profissionais
das letras, das artes e da imprensa

ANO 1.º OUTUBRO NÚM. 8

LISBOA

1 9 2 6

ORDEM NOVA

REVISTA MENSAL

Redactores fundadores :

Albano Pereira Dias de Magalhães
Marcello Caetano

Secretário e editor: *J. Fernandes Júnior*

REDACÇÃO: *Rua do Norte, 57 – COIMBRA*

ADMINISTRAÇÃO: *Largo do Directório, 8, 3.º – LISBOA*

Composição e impressão: *Imprensa Beleza—R. da Rosa, 93 a 107—LISBOA*

Propriedade de *José Fernandes Júnior*

SUMÁRIO

Nota mensal.....	<i>Redacção</i>
Santo António.....	<i>Afonso Lopes Vieira</i>
A epopeia franciscana.....	<i>António Sardinha</i>
Evangelho franciscano.....	» «
S. Francisco, o da vontade e humildade heroica.....	<i>Manuel Múrias</i>
Santo António.....	<i>Marcello Caetano</i>
Pensamentos, Palavras & Obras: — «Na feira dos mitos», <i>Pedro Theotónio Pereira</i> ; — Falando de poetas, <i>M. C.</i> ; — «Nação Portuguesa»; — Maurras e a Igreja; — Cinco de Outubro; — Haja alegria; — Colaboração da Ordem Nova.	—



Nota mensal

Comemora êste ano a Cristandade o VII centenário da morte do grande Patriarca S. Francisco de Assis.

O significado dêste acontecimento não tratamos nós de o pôr em fóco porque com especial autoridade e saber o fez Sua Santidade Pio XI numa notável carta encíclica que é do conhecimento de todos.

Entende a «Ordem Nova» que não deve deixar passar o mês em que se perfazem os sete séculos depois que nasceu para a vida eterna o gloriôso santo sem uma comemoração, modesta embora mas profundamente sentida e cristã.

Vai felizmente desaparecendo a espécie biológica que considerava Cristo «o primeiro republicano» e S. Francisco de Assis «o primeiro socialista». Foge ela, acossada até às farmácias sertanejas dos Homais nacionais por um pouco de razão e de instrução primária. Há, é certo, um ou outro homem respeitável e de boa vontade desejoso de filiar o Santo na sua grei reduzida e decrépita. S. Francisco tem recebido assim, usando daquela mesma caridade infinita com que acolhia os irmãos irracionais, vários diplomas janotas que o categorizam nas universidades germânicas ou nos sindicatos vermelhos, puxado por uns para o pantelismo, disputado por outros para o anarquismo, com mais ou menos ardor, caspa e retórica.

Incompreendido por uns, apenas soletrado por outros, arvorado por muitos em simbolo dumã pura doutrina evangélica que êles adulteram a seu bel-prazer para podêrem fi-

liar as ideias que professam em qualquer nobilitante linhagem, há também muito bom burguês católico que olha desconfiado para êste santo exótico que suscita paixões nas almas ardentes dos revolucionários e de quem se contam coisas eminentemente subversivas da ordem social.

Na verdade, S. Francisco, o santo que inundou o mundo de amor, foi, por isso mesmo, um santo revolucionário. Caracterisa-o uma rígida coerência, e êsse é o segredo da sua vida que nos explica a sua perfeita conformidade com a vida de Cristo seu mestre e senhor.

Tanta actualidade tem a lição de S. Francisco, que despreza as conveniências, desconhece o oportunismo, não recia escandalizar nem pretende meios-termos, platafórmias cómodas e soluções intermédias, todo possuido pela Verdade e heróicamente coerente nos seus actos com a sua fé, tão grandes lições a meditação da sua vida pode oferecer a esta geração incaracterística e hesitante, que não sabe crêr nem agir, tantos beneficios podem advir da contemplação da altíssima figura do Poverello, que a «Ordem Nova» não que-re deixar de chamar a atenção de todos os seus amigos para o centenário que passa, convidando-os a venerar, compreender e amar o «Trovador de Deus».

Junta a revista na mesma comemoração os nomes de S. Francisco de Assis e de Santo António de Lisboa. E' que Santo António, figura admirável da primeira geração franciscana, está tão intimamente ligado ao seu Patriarca, que nós, portugueses, mal procederíamos se ao recordarmos o fundador da Ordem dos frades menores não tivéssemos também um pensamento carinhoso para o português que tanto prestigiou a Ordem nascente e a quem S. Francisco chamava «o seu Bispo». Assim Santo António se lembre de Portugal e peça a Deus a sua tão necessária protecção.

SANTO ANTONIO

Dos olivais de Coimbra, onde móra e persiste
a esparsa melancolia
do coração de Portugal,
por mandado do Sonho Heroico, tu partiste,
—ó Amadis da ideal Cavalaria
de que a Alma é o Santo Graal.

Partiste, e com teu Verbo encheste a Itália e a Terra!
Foste a Bôca inspirada,
Foste o Mago orador,
—clarim do céu vibrando à gnerra
pela vitòria da alma libertada
pela Graça do amor!

Foste o Bruxo de Deus, o jogral de Jesus
arrastando após si multidões extasiadas
por teu feiticeiro falar;
tua Palavra foi um feitiço de luz,
e saíndo das ondas nacaradas
escutaram-te os peixes do mar!

Entanto, p'ra te amar e te poder sentir
a ti, Teólogo e Sábio,
o povo fez florir
um sorriso gaiato no teu labio;
e imaginou-te à tardinha

junto às fontes que cantavam,
fazendo alegres milagres
nas bilhas que se quebravam...

Na Basilica, em Pádua, é que eu senti um dia
como a tua alma, ó Santo, revivia
na penumbra do templo e na aflição do mundo:
vi os aflitos, vi os desgraçados,
os cansados dos caminhos vãos,
virem, com um "pedido" íntimo e profundo
pôrem no teu sepulcro ansiadas mãos...

Então, na comoção da saüdade natai
da nossa terra bem-amada e ausente,
puz aí também a minha mão tremente
pensando em Portugal...

E hoje, na hora dolorosa
do luto e da incerteza,
exoro, ó Santo, a tua alma ardente e ansiosa
e a tua Raça portuguesa,
para que lá no céu, onde a suave e forte
Palavra tua esplende entre as estrelas,
Intercedas por nós contra o Monstro do Norte,
que as tuas pátrias ameaça e a glòria antiga delas!

E que o teu Verbo divino
renasça fulgido por nós,
esplendendo no milagre da tua voz.
a glória do genti! sangue latino!

Junho de '918

Afonso Lopes Vieira.

A EPOPEIA FRANCISCANA

Assombro da consciência mística do século XIII, Santo António foi um dos maiores luzeiros da cristandade medieval. A sua eloquência encheu de espanto e de enternecimento os grandes auditórios religiosos. Desde a Igreja, na pessoa dos seus pontífices e dos seus cardiais, ao povo que em vida o canonizou, o novo santo, — o nosso santo, o santo português por excelência, viu-se por todos chamado «Vaso do Espírito-Santo», «Arca da Sagrada-Escritura». Teólogo ilustre, mestre eminente, prégador escutado, em Santo António floresce o génio latino na sua admirável luminosidade. E nesta hora triste, no eclipse lento que passa sôbre nós, não nos esqueçamos que é êle quem liberta Pádua das fúrias assoladoras de Ezelino, legado de Frederico II — do terrível Frederico II. Milagre dos máximos na agiografia do santo, tem para nós, na hesitação crepuscular do actual momento, a alta e consoladora significação dum símbolo.

A figura excepcional de António não se compreende sem que a remolduremos na auréola doce do seu franciscanismo. Quem não há aí que no renascimento espiritualista do nosso tempo se não tenha embalado com a lição enternecedora do divino *Poverello*, — do esposo da Senhora Pobreza. O que a cristandade dividida lhe deveu sôbre o coração retalhado da Itália a história no-lo conta florindo maravi-

lhas, ao contacto da sua palavra de prodígio. *Nos sumus jaculatores Domini*, — ensinava o pobresinho de Assis, feliz jogral de Jesus, que na alegria e na simplicidade achava de novo para a dureza do homem a lei libertadora do amor. No seu magnífico estudo, — *L'Italie mystique*, Emile Gebhart mostra-nos bem o que foi essa cavalaria da alma rejuvenescida, — essa extraordinária epopeia franciscana.

Quando a unidade da Igreja parecia perigar, o franciscanismo renova-lhe a pureza da doutrina e, dentro da hierarquia e da obediência, insufla-lhe na estrutura pervertida germes de vida resgatadora. «A aparição de S. Francisco de Assis é talvez o facto mais maravilhoso da história do catolicismo na idade média, — escreve Arvède Barine. Ninguém, nem antes nem depois, se aproximou tanto do ideal do cristianismo primitivo. Se alguma coisa pode recordar a sublimidade e a simplicidade das horas bemditas em que João e Simão Pedro seguiam os passos do mestre sôbre as margens do lago de Genzareth, é a candura e a alegria com que os primeiros frades menores, à imitação de S. Francisco, celebram as suas bodas místicas com a Pobreza».

Este estado de exaltação interior cêdo se traduziu na Poesia e na Arte. A regra seráfica não permitia a tristeza. Na aceitação agradecida da existência, tirava da natureza um cântico permanente ao Senhor. «Precursor e inspirador no seu país, da Renascença das Artes e das Letras», — chama Georges Lefenestre ao *Poverello* no seu trabalho recente *Vie et legende de Saint François d'Assisse*. Poeta, o Santo, dêle ficou sobretudo o *Canticum fratris Solis*, — hino de inexcédível arrebatamento, onde reaparece, transfigurada, a chama antiga dos três mancebos em Babilónia, entoando graças ao Senhor, dentro do fôrno que baldadamente ardia.

Cada criatura era para S. Francisco a palavra viva de Deus. Na sua bôca iluminada de jogral de Jesus, toda a harmonia oculta do universo perpassa no mesmo acento exaltado e comovido, louvando o nome poderoso de Deus na obra infinita da sua criação, — até na piedade da Morte; nossa irmã corporal.

Taine na sua *Voyage en Italie* legou-nos sôbre S. Francisco um testamento impressionante. «O décimo terceiro século é o termo e a flôr do cristianismo medieval... — diz o filósofo na sua secura de analista. Um sentimento que anteriormente não tinha sido senão esboçado, o amor, desabrocha então com uma fôrça extraordinária, com S. Francisco por arauto. Ele chamava seus irmãos à agua, ao fogo, à lua, ao sol: êle prégava às aves e resgatava por meio da sua capa os cordeirinhos que levavam ao mercado. Conta-se que as lebres e os faizões se refugiavam no seu hábito. Seu coração trasbordava sôbre todas as criaturas. Os seus primeiros discípulos viveram como êle numa espécie de embriaguês, «de modo que em algumas ocasiões, durante vinte dias e por vezes trinta, se quedavam só nos cimos dos montes elevados, contemplando as coisas celestes».

E Taine ressalta a importância social dêste movimento de ardorosa religiosidade. «Não era apenas nos claustros que semelhantes arrebatamentos se encontravam. Em Florença, confrarias de mil pessoas vestidas de branco percorrem as ruas com trombetas debaixo da direcção dum chefe que se intitula o Senhor do amor. A língua nova que nasce, a poesia e o pensamento que despertam, não se ocupam senão a descrever o amor e a enaltecê-lo. Acabo de relêr a *Vita Nuova* e alguns cantos do *Paraizo*; o sentimento é tão intenso que faz mêdo: êsses homens habitam na região ardente em que a razão se funde».

O sôpro divino que animou o Pobresinho de Assis aqueceu também toda a literatura mística com que a sua lenda se borda, desde os *Fioretti* ou *Speculum perfectionis*, em que a figura branda do Serafim do Alverne se contorna ainda de maior brandura. Dante e Giotto recebem o influxo formidável -dessa claridade purificadora. A singeleza regressa aos corações: «*Eu vou tirar-te o teu coração de pedra e dar-te, em seu lugar, um coração bem alvo*», — recorda fr. Francisco ao irmão Rufino. E' o traço de fraternidade íntima ligando criaturas e coisas que destingue a passagem pelo mundo do Esposo da

Senhora Pobreza. A Ordem-Terceira, trazendo os homens à comunidade da mesma regra, irmana reis e mestreaes debaixo do cordão de S. Francisco. Assim se consegue a pacificação da Itália, tão encantadoramente simbolizada no episódio do lobo de Gubbio. Segundo Johannes Joergensen, êle não parece ser outra coisa senão a transformação legendária da narrativa duma paz concluída, por intermédio do santo, entre a pequena república italiana de Gubbio e um dêsses ferozes fidalgos-bandidos, semelhantes a fêras bravias, que eram numerosos nessa época nas fortalezas das montanhas de Itália e que, como o cavaleiro Werner d'Urslingen, poderiam usar sôbre o peito um escudo ornado da inscrição seguinte: — "Inimigo de Deus, da compaixão e da caridade".

Vê-se por aqui o que seria a epopeia franciscana. Não se perdeu no perfume dos séculos a sua acção salutar. Do túmulo de Assis S. Francisco preside à revoada espiritualista do nosso tempo. Já Renan se comovera diante da sua excelsa figura, pondo uma pausa no scepticismo dissolvente que o autor da *Vie de Jesus* cultivava com sabôr e guloseima. E' depois o protestante Sabatier. Cria-se quasi um renascimento intelectual do franciscanismo, porque, novamente a alma raquitizada pela tristeza contemporânea, procura resgatar-se na cavalaria ardente do Espirito. Os *Fioretti* voltam a lêr-se, traduzem-se e multiplicam-se em edições amadas e sentidas. Tambem já Portugal aponta a sua. E' dêste ano, — *Florinhas do glorioso S. Francisco de Assis*, e devêmo-la aos cuidados sapientes do Rev. A. Tomás Gonçalves. Dos *Fioretti* afirmava Taine ser uma das obras primas do cristianismo místico.

E a auréola do *Poverello* aviva-se cada vez mais, com mais vigor. E' a condessa de Pardo Bazan, é Arvede Barine, é Lafenetre, é Bailly, é Johannes Joergensen, de cuja pena saíu o melhor estudo sôbre S. Francisco de Assis.

Romancista dos mais illustres da Dinamarca, Joergensen é um convertido. A sua sensibilidade nódica, amordaçada nos êrros negativis-

tas duma falsa formação filosófica, despertou para a fé, no enlevo e no carinho de S. Francisco. No livro que Wyzeva verteu para francês com o título de *Livre de la route*, Joergensen traçou o drama comovente da sua conversão. Foi no dia da Indulgência, em Santa Maria dos Anjos. «Um silêncio imponente e como que esmagador reinava nêsse espaço atulhado de povo. Tinha-se a impressão de se estar só, debaixo dum céu infinito. Involuntariamente o incrédulo Giovanni dobrou o joelho, quando lhe chegou a vez de passar diante do altar. Ele sentiu a proximidade de uma fôrça solene e de bom grado teria continuado sob as asas protectoras não sabia de que poder misturado de perdão».

Penetrado dêsse sentido de libertação interior, compôs entre nós Afonso Lopes Vieira o seu poema teatralizado, *Rosas bravas*. Já antes, um outro ilustre poeta nosso se debruçara sôbre S. Francisco de Assis, ávido de paz, de quietação, de alegria. Foi Antero. Em carta a Tommazzo Canizarro, de 2' de Junho de 1886, escrevia Antero: — «E, antes de me despedir, vou pedir-lhe uma informação, e é se existe alguma edição acessível das Poesias italianas de S. Francisco de Assis, de que só conheço uma por v. publicada: mas o que sôbre essas poesias dizem o Taine na sua *Voyage en Italie* e o Ozanam no seu estudo «sur les Poètes franciscains» estimula-me muito a lê-lo no original». Dois anos depois, satisfeito o seu apetite, assim se exprimia Antero: — «Poucas fisionomias há para mim tão interessantes, quer histórica, quer psicológicamente, como a de Francisco de Assis.

«Considero-o como o primeiro dos precursores do espírito moderno, digo, o espírito moderno, como representado por Bruno, Schelling e Hartmann, do panteísmo espiritualista, — continúa Antero. Nêste ponto de vista haveria um paradoxo (no fundo nada paradoxal) a desenvolver! Que S. Francisco não fôra cristão: e a fazer sobressaír o contraste entre a sua concepção do mundo e da vida, toda ela dum optimismo poético e panteista, e a trágica e sombria concepção pessi-

mista da Igreja, de um mundo radicalmente mau e condenado por Deus. E' claro que S. Francisco se julgava cristão: mas estou-me referindo não ao que êle julgava ser, mas ao que efectivamente, embora inconscientemente, era e representava na evolução do sentimento humano na Idade-Média".

As observações de Antero, filhas de um vício de Inteligência, foram mais tarde as observações de muito pensador que no naturalismo franciscano nada mais contemplaram senão uma forma mística de panteísmo. Responde-lhes Johannes Joergensen: — "Nada mais falso que reputar o santo como um panteista: nunca S. Francisco confundiu com a natureza nem a Deus nem a si mesmo; e foi-lhe sempre estranha a alternativa da embriaguês orgiaca e de desespero pessimista, tal como o panteísmo a produz. Nunca êle desejou, como mais tarde Shelley, fazer um todo apenas com a natureza, e muito menos, com o Werther de Goethe ou com Turgueneff, teria a impressão de se abandonar, tremendo, à fatalidade cega das coisas, de ser a vítima do "monstro eternamente ávido" que é a natureza. A sua atitude, em face da natureza, foi sempre, pura e simplesmente, a do primeiro artigo do *Credo* da Igreja: — "a crença num pai que ao mesmo tempo é um criador".

Na sua essência, eis o franciscanismo, — admirável par de azas que salva a sociedade medieval e promete um repouso à nossa, tão desconjuntada também. Lembrá-lo nos marcos imortais da sua epopeia é lembrar Santo António, flôr da nossa raça, seu intérprete no céu e na terra. Ao glorioso frade português, teólogo consumado, cuja língua até na morte resistiu à corrupção, chamava S. Francisco com desvanecimento "o seu bispo". Enérgico, cheio de zêlo e apostolismo, Santo António é bem o S. Paulo da religião franciscana. Depois da morte do *Poverello*, salva a ordem da anarquia e do relaxamento, em que a apostasia de Elias de Cortona a ia lançando. Que na catástrofe em que nos sumimos sem esperança de remédio, António seja o nos-

so patrono mais uma vez! Decorem as mulheres de Portugal a oração que lhe consagra Afonso Lopes Vieira e talvez que o auxilio poderoso do grande santo anuncie por sôbre nós a manhã suspirada da resurreição!

António Sardin'ia.

“Nenhum govêrno, entendamo-nos, será possível emquanto as nações latinas não repudiarem a tradição radical jacobina.

“Clama a burguesia contra a plebe em revolta, e, para se defender, entrega-lhe o fundamento de toda a autoridade! Diz ao faminto que é soberano, e protesta quando esse rei usa do sceptro em proveito próprio. Eu estou certo de que de aqui por um século, não mais, as nossas extravagâncias políticas merecerão o desdem lastimoso de nossos filhos”.

Oliveira Martins.

Nenhuma religião, excepto uma, pode suportar a prova da sciência.

A sciência é uma espécie de ácido que dissolve todos os metais, *excepto o ouro.*

Joseph de Maistre.

EVANGELHO FRANCISCANO

Dos "Fioretti"

Conforme a Christo bendito,
Foi fr. Francisco de Assis.
Antônio, seu companheiro,
nasceu da mesma raiz.

A sua língua sagrada
não pôde a morte comê-la.
Chama do Espírito-Santo,
nunca houve língua mais bela!

Tinha uma voz de rajada,
cheia do ardôr português,
Deixou memória no mundo
certo sermão que êle fez.

Sermão dos peixes sabido
Por quatro cantos da terra,
eu não conheço doçura,
igual áquela que encerra.

Porque teimavam ser surdos
alguns ouvidos mortais,
passou-se então êsse passo
que a gente vê nos vitrais.

Erguido, ao pé duma praia,
António pôs-se a falar:
— « *Vinde à palavra de Christo,
beixes do fundo do mar!* »

Surpresos, de olhos pasmados
correm os peixes à uma.
Era uma igreja movente
sôbre toalhas de espuma.

São peixes grandes, pequenos,
num turbilhão nunca visto.
Saiem das suas moradas,
chama-os o nome de Christo.

Mas que fiel christandade,
de fé tão viva e tão rara!
Dentro do mar recolhida,
nem Santo António o julgára!

È a voz de António crescia,
mais forte, mais inspirada:

—« *Nunca a lição da Pobreza
seja por vós despresada!* »

—« *O' criaturas da água,
« O' meus irmãos no Senhor,
seja p'ra quem nos deu vida
o nosso ardente louvor!* »

E os peixes todos em onda,
suspensos, sem borborinho,
com a cabeça curvada,
dizem que sim de mansinho.

« Seja louvada a Alegria,
que é a fartura de Deus!
Nada nos falta, viventes,
—há terra, há mar e há céus!

Louve-se a Deus, que é eterno,
na sua obra de amor!
Dizei, ó peixes, comigo:
—louvado seja o Senhor! »

A tarde cai vagarosa,
mas o sermão continúa.
Ficou-se o sol a escutá-lo,
parado em frente da lua.

Por fim António com bençans
mandou os peixes em paz.
Os penitentes, chorando,
abriam ruas atrás.

È enquanto os peixes abalam
tranquilamente p'ra o mar,
à pescaria das almas
deitou-se António a fartar.

Nem mesmo Pedro no mundo
foi um tão bom pescador!
As almas que êle não pesca,
—louvado seja o Senhor!

São rosas de alvo toucado
no roseiral franciscano.
Ao pé de António florido
nunca se acabam no ano.

Na dôce vida celeste,
mais leves inda que a espuma,
Cercam António, contentes,
peixes e almas à uma.

Assim correu êsse caso
que a gente vê nos vitrais,

numa cidade de Itália
com tôrres, muros e cáis.

*

*

*

Conforme a Christo bendito,
foi fr. Francisco, seu bem.
António, bom companheiro,
seguiu-lhe os passos,

Amen!

António Sardinha.

S. Francisco, o da vontade e humildade Heroica

“Queres — tu saber, — disse Francisco a Frei Masseo que de si consigo não podia explicar o que arrostava as multidões na esteira do Pobresinho — queres saber porque rasão todos correm atraz de mim? Devo-o aos olhares do Altíssimo que em toda a parte contempla os bons e os maus; e porque êsses olhos santíssimos não distinguiram entre os pecadores nenhum outro mais vil, ou mais incapaz, ou maior pecador do que eu. Ora para executar a obra maravilhosa em que meditava, não divison Ele sôbre a terra criatura mais despresível: — por isso me escolheu — para confundir a nobreza, a grandeza, a fôrça, a beleza, a sciência do mundo, querendo que assim se conheça que todas as virtudes e todos os bens d-Elle são e não da criatura...”

Assim falava o Pobresinho, quando Frei Masseo — a quem não tocara ainda a graça do Senhor, — lhe perguntava *“para tirar a prova à humildade do Santo”*:

— Porquê? Porquê? Porque te seguem a ti e não a outro?

O suposto panteísmo de S. Francisco encontra neste diálogo o mais completo esclarecimento. E se de tudo o que de S. Francisco nos ficou, nos seus escritos como na lembrança dos companheiros, não ressaltasse o desmentido formal de qualquer posição panteísta, — não ficaria agora plenamente esclarecido êste problema?

Não insistamos em confusões que de todo nos impossibilitariam de compreender e salientar o perfil simultâneamente humilde e rigoroso do Patriarca de Assis. Há duas atitudes mentais (duas posições na acção) que é necessario distinguir. E se definirmos o *panteísmo* por *“confusão, difusão do Criador na criatura”*, estaremos logo em seguida habilitados a apreciar a attitude ao mesmo tempo contemplativa e activa do Pobresinho, — attitude em que vamos encontrar como feição predominante, o total esquecimento de si perante Deus. E não é esta a fundamental característica do misticismo verdadeiro?

— “...nenhum outro mais vil, ou mais incapaz, ou maior peca-

dor do que eu" — confessava-se S. Francisco. É a compreensão integral da miséria humana. Querer-se-há mais pura humildade? O Senhor Deus baixara sobre eles o seu olhar misericordioso, precisamente porque não encontrava maior pecador e mais víl e mais incapaz.

— Louvado Seja Deus!

E neste louvor o mísero pobresinho abrangia toda a Criação, — obra de Deus. Onde está, porém, a *confusão* panteista? — Nas feras, nas avesinhas, nas árvores, nos rios, em tudo S. Francisco contemplava, admirava e louvava a *obra* do Criador.

Ralhou o Santo ao guardião de Moncasol que havia expulso com más palavras os três ladrões "porque pela doçura se conduzem melhor até junto de Deus os pecadores". E não havia feito voto de observar os Evangelhos em tudo imitando a Cristo? "Eu não quero outra glória fora da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" — confessava com o apóstolo. Por isso buscou ansiosamente o martírio que não pôde alcançar, — por isso ensinou ao companheiro que o escutava e seguia:

"Acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito-Santo que Nosso Senhor Jesus Cristo aos seus amigos concede, está a do homem se vencer a si mesmo e, por amor de Cristo, sofrer de boamente as dôres, as injúrias, os opróbrios e as faltas. Porque de nenhum outro dom de Deus nos poderemos glorificar, pois de Deus nos veem e não de nós, como diz o Apóstolo:

"Que tens tu, que não venha de Deus? E se de Deus o tens, porque te vanglorias, como se de ti a tivesses?"

A graça de a si próprio se vencer! É esta vontade heroica tão semelhante nas suas raízes profundas, à heroica humildade que manteve, até ao seu encontro final com Irmã Morte, caracterizam e definem maravilhosamente o misticismo de S. Francisco, — o misticismo activo dos cristãos. Que nos não perturbem as refalsadas teorias do misticismo que uma falsa literatura nos pretendeu impôr. O misticismo cristão de S. Francisco, *alter Christus*, é activo e director.

— Ah! Irmão Maseo — dizia certa vez ao companheiro, — é preciso que te abandones a mim. — Porque razão chamaria, — e no mais alto arroubo místico, — porque razão chamaria a si, para que se lhe entregassem, os ricos e os pobres, os virtuosos e os pecadores, se

este homem que a todo o instante comungava Jesus, não tivesse uma vontade forte que pudesse guiar, curar, salvar?

E' que o misticismo cristão conquista-se pela vontade, pela vitória própria,—mantém-se pela obediência e pela disciplina,—embora somente pela graça vá diluir-se, fundir-se no Criador...

Exemplo magnânimo da vitória do Espírito sobre o material,—mais do que nunca, S. Francisco, o Pobrezinho do Assis, amador da Senhora Pobreza, deve imperar agora a abrir os corações para a imitação de Cristo.

M. M.

... há no mundo uma coisa sem nome, um monstro formado de todas as contradições, de todas as antíteses, de todos os interesses rivais, de todas as oposições que podem reverter numa sociedade multiforme e confusa, o qual erguendo-se na sua onnipotência brada sempre à razão, à franqueza, à verdade "não passarás daqui!" A sua fatalidade é esta. Formado por forças contrárias, que se equilibram, não se move, não cria; tem por lei a inércia e é estéril porque é híbrido.

A esse monstro moderno chama-lhe a filosofia *absurdo*—embora o mundo persista em lhe chamar *opinião pública*.

E' este o vulto escuro que interpõe sempre a sua forma confusa entre a verdade e os homens. E' a maldição das sociedades democráticas, a contradição das forças colectivas, a sua fatalidade.

Lança mil vozes discordantes numa mesma hora a sua boca, que se chama Imprensa. E, como é um Deus monstruoso, os seus sacerdotes são disformes e grotescos, são bonzos e não apóstolos; e o mundo que lhes obedece, não pode, todavia, reprimir um sorriso de escárneo ao vêr passar a *falange sagrada* dos jornalistas!

Antero do Quental.

"Defesa da *Carta Encíclica*"

SANTO ANTÓNIO

Hoje, treze de Junho, Lisboa enche-se duma ruidosa alegria para festejar o Santo popular — um santo democratizado que é fonte de receita para petizes sujos e não cheira a reacção.

Os jornais — devotos quanto é preciso — publicarão certamente em lugar destacado, as crónicas que alguns dos mais talentosos literatos da nova e da novíssima gerações consagram aos cravos vermelhos, às bilhas que o taumaturgo concertou e à ingenua crença popular.

A' «crença ingénua do nosso povo», é um motivo admirável como tudo o que é ingenuo, para as explorações literárias dos jovens talentos. São duas colunas garantidas de prosa em que a crença, a ingenuidade e o povo sofrem tratos de polé.

Além dos artigos dos jornais, Santo António será comemorado nos teatros, onde se representa sua vida e milagres; na Praça da Figueira—que nós festejamos santos na Praça da Figueira; nas sociedades recreativas, nos bailes campestres e nos bairros particulares. Toda a gente festeja Santo António pelo menos com um balão, um petardo, ou um fósforo de côr. Mas—ai de nós!—a maior parte dos que entusiásticamente se manifestam nesta noite de balbúrdia e chinfrim, desconhece inteiramente, não digo já a grandeza ascética, o perfil intelectual do grande santo—mas ao menos o sentido cristão

da sua vida. Santo António é um nome sem significação. Santo António é um pretexto. É um António divertido: não é um Santo. É em virtude desta fôrma que adoptamos desde longes tempos, de prestar culto ao santo português, que o perdemos em face da Europa culta. E se, hoje à noite, algum dos meninos se lembrasse, no meio do entusiasmo das bichas de rabiar, de perguntar ao pai quem foi Santo António, talvez que êsse pai, curioso das coisas de França, recorresse, para responder à pergunta natural do filho, ao livro de Lucien Roure onde, a seguir às duas sublimes "figuras franciscanas" de S. Francisco e de Santa Clara de Assis se pode lêr um pequeno e carinhoso ensaio sôbre *Saint Antoine le Padouan*.

Portugal, que fervorosamente ama e ruidosamente celebra Santo António, guardando um santinho que reproduz em barro para os altares infantis e que vale nas aflições para revelar o paradeiro das coisas desaparecidas, esqueceu uma das mais curiosas figuras franciscanas—quanto a mim um dos santos que mais naturalmente apropriou a maneira de ser de S. Francisco de Assis.

Nêle se encontra a mesma loucura de Amor que explica todos os actos, aparentemente estranhos, da vida do *Poverello*; a mesma fôrma sobrenatural de olhar as criaturas—Chesterton diria, a mesma posição que lhe permitia vêr o mundo de cabeça para baixo. Porque eu não sei de acto mais semelhante ao de S. Francisco convidando as suas irmãs avesinhas a calarem-se para que a sua voz pudesse ser ouvida, do que o de Santo António dirigindo-se aos irmãos peixes já que os irmãos homens lhe não queriam dar ouvidos. A mesma alegria constantemente lhes transparecia no rosto e lhes sorria nos olhos brilhantes de fogo; o mesmo canto lhes santificava os lábios. E Santo António também morre cantando: cantando como um trovador o hino da sua Senhora *O gloriosa Domina*.

Assinalemos ainda o pormenor curioso, que mais o liga pelas afinidades poéticas ao grande fundador da sua ordem, de os seus primeiros sermões escritos terem sido sôbre os salmos. Foi no co-

mentário à poesia sagrada que os tesouros da sua inteligência subtil e da sua preciosa erudição se depositaram para os séculos futuros.

Tudo isto esquecemos quási completamente. Em Pádua, os guardas do túmulo do Santo afirmam com uma superioridade que gela, que portugueses são espanhois... Para êles, Lisboa, terra da naturalidade do glorioso franciscano, é uma cidade insignificante perdida nos confins da Espanha. Passam milhares de peregrinos pela suntuosa basílica e ficam sem saber que aquela língua guardada incorruptível num relicário precioso e que um dia foi "martelo dos herejes", pronunciou os primeiros louvores a Deus com as mesmas palavras que nossos avós portugueses usavam para O louvar. Ficam sem saber que foi uma mãe portuguesa que lhe abriu os olhos da alma para a Eternidade; que foram de Portugal os seus primeiros mestres e que foram aqui dados os seus primeiros passos na sciência de Deus que tanto havia de ilustrar em cátedras italianas.

E' necessario que neste ano em que se comemora o centenário de S. Francisco de Assis nos lembremos a sério do grande franciscano que em Portugal aprendeu a conhecer e a amar a Deus.

Não podemos, por uma questão de dignidade, continuar a prestar-lhe culto com novenas que nos foram deixadas por nossos avós em folhetos amarelados, repetindo anedoctas e responsos milagrosos. Um bom livro sôbre o santo seria grande benefício, porque a rectificação do juizo que sôbre êle fazem as classes que lêem, de alguma fórma se reflectiria no das classes que não lêem. Mas, sobretudo, ha um trabalho de evangelização a empreender, impedindo que sob o patrocínio dos grandes santos cristãos se vão enraizando festas pagãs.

Não é isto prégar a guerra santa contra a bomba de pataco. Pois haja regosijos populares, petardos e mangericos: mas que não se deixe perder o espirito cristão, não se esqueça o sentido superior que é ligado pela Igreja às comemorações dos seus santos. Igualar um santo de Deus a uma divindade divertida dos tempos em que os

deuses nunca tinham sede, é profanação triste que a inconsciência não desculpa. Permita Deus que o nosso compatriota passe a merecer maior atenção do nosso escol, demonstrando que nesta idade de desespero, nem todos estão preocupados apenas com o fim...

Marcello Caetano.

(De *A Epoca*; de 13 de Junho de 1926.)

“...a Grande Revolução, êsse fenómeno, réu de tamanhos crimes contra o bom senso, êsse ídolo da banalidade universal, da retórica balôfa, êsse monstro glorioso, ataque de epilepsia de um povo dessangrado pela fome, e a que o mais profundo dos pensadores franceses, Cournot, atribui uma virtude única: a invenção do sistema métrico—pasmai demagôgos!

Oliveira Martins.

Só a caridade pode fazer alguma coisa para preencher o imenso intervalo que separa o pobre do rico e diminuir no coração do pobre a inevitável amargura que nas almas mais puras deixa o espectáculo da repartição caprichosa dos bens dêste mundo.

Prévost-Paradol.

PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

“Na Feira dos Mitos”

POR ANTÓNIO SARDINHA

(ed. da Liv. Universal)

Belo título êste, o de «Na Feira dos Mitos», a apresentar um feixe de artigos e ensaios que António Sardinha escreveu na época mais fecunda da sua vida.

Nas páginas que agora se reeditam perpassa a profunda vibração que ele comunicou aos espíritos moços. E não é sem emoção bem viva que, quási dez anos volvidos sôbre a época em que fôram escritas algumas delas, se revive o entusiasmo estranho que António Sardinha veio acender na alma dos rapazes da minha geração.

Porque tudo nêle nos seduzia. Desde a linguagem sonora e cheia dum sentido profundo à sobriedade forte com que a sua inteligência procurava coordenar e sistematizar o turbilhão de ideias criadoras que lhe tumultuavam no espírito, desde o alto

conceito cristão da vida, que já nas primeiras obras o procurava irresistivelmente, até à coragem viril que fazia adivinhar nele um chefe, — tudo em António Sardinha trazia para nós o alvorecer duma grande vontade que viria dirigir e juntar as nossas vontades ansiosas. Por isso estas dispersas páginas de combate que ele ainda em vida chamou «Na Feira dos Mitos», ecoaram na esperança indecisa dos nossos espíritos, como o começo duma salutar varredela de bom cajado luzitano, dando aqui e ali, ligeiro e crispado, através do grande arraial de mistificação que nós tínhamos vindo encontrar.

O comentário perfeito do livro, dá-o a «nota final» que dois dos seus amigos mais fiéis subscrevem: «Na grande fragmentação destas páginas, subsiste a estrutura interna de um tratado de bem servir a nossa Terra, escrito com o ardôr de uma apologia, flama sempre acêsa em altos clarões de fé e de verdade. Com elas grava-se uma inscrição nova no cipo glorioso da sua passagem por este mundo, que lêem através das lágrimas os seus companheiros de ontem e os numerosos discípulos de hoje».

Morto António Sardinha, consumada que foi esta perda sem remédio, o seu lugar ficará vago para todo o sempre. Faltou com êle o primeiro de nós todos, o que nos conduzia, o que levava mais alta a es-

perança e a vontade de vencer. Se os da minha geração puderam acompanhá-lo e ser a grande massa viva que o seu espírito conduziu, perderam os que agora se aproximam da idade em que no homem as possibilidades são maiores, o apóstolo incomparável da Ordem Nova que salvará a civilização, confessando-se à luz das verdades eternas.

Mas se a sua voz de chefe glorioso não pode acordar e chamar ao bom combate as camadas novas da nação, ficou ainda o produto gigantesco dos seus curtíssimos anos de trabalho, o esforço formidável que para além da morte o deixou ainda a falar com a vida estranha das coisas do espírito. Doze livros recolhidos e preparados pela dedicação inteligente e fiel de Rodrigues Cavalheiro se anunciam ainda, doze livros que nos parecem doze milagres e são o seu testamento às gerações que hão de vir e restituir pouco a pouco a dignidade perdida a esta pátria triste.

A reconstituição intelectual da nação ainda se não acabou.

Começamo-la nós todos é certo, com António Sardinha à frente, e ninguém de boa fé poderá negar o resultado extenso e profundo dêsse esforço de rectificação e de reconquista levado a cabo pelo integralismo.

Podíamos ter sido o primeiro país do mundo a abrir caminho aos horisontes novos que trazem à

Europa em ruínas uma luz de esperança. Não pôde ser assim. Já a Itália e a Espanha vão longe, caminhando sobre o pó dos fantasmas mortos. Nós ficamos num cansaço vago, mal preparados para a vida nova, na indecisão dos fracos de espírito e do corpo. E hoje, tornado mesmo possível este estado de coisas, arremêdo de dictadura, com a matilha política na disponibilidade, a desorientação persiste, a par da mortal indiferença que nos rodeia. E por vezes, quando aparece uma medida mais inteligente, destas que trazem um sôpro de vida, e lembram para os que as esperam, as gôtas timidas de um grande aguaceiro que era preciso cair, fica-se com uma impressão tranzida, a duma grande festa falhada, para que se tinham feito altos convites e em que na sala erram vultos dispersos de sombras . .

Uma nota me sensibilizou ainda, no livro de António Sardinha: a dedicatória a Hipólito Raposo. Nas palavras singelas que a compõem está todo um passado de camaradagem, de esperanças comuns, de recordações duma mocidade alegre e forte.

E eu que vim um pouco mais tarde, que só pude ter em António Sardinha um irmão mais velho, compreendo bem a suave emoção que Hipólito Raposo terá recebido ao encontrar êsse adeus distante do nosso amigo morto.

Pedro Theotónio Pereira.

Falando de poetas

Ainda há bem pouco tempo a "Ordem Nova" disse sinceramente o que pensava e sentia a respeito do C. A. D. C. de Coimbra e da sua revista. Não repetiremos, por desnecessários, os nossos protestos de simpatia. Mas ficaríamos de mal com a nossa consciência se não fizéssemos umas ligeiras observações às palavras que o livro ultimo de Correia de Oliveira mereceu dum dos seus redactores.

O sr. Luís Guedes de Oliveira é um convertido que merece o nosso respeito e a nossa amizade. Nada influe no nosso conceito o facto de militar num campo político oposto e às vezes ardorosamente... A carapuça das "tentações políticas" não serve à nossa revista.

Mas o sr. Guedes de Oliveira, a nosso vêr, vai demasiadamente longe, principalmente numa revista católica, na defesa do seu inintellectualismo e na sua paixão pela poesia puramente emotiva. E' dêle este período espantôso: "Se lhes falta (aos poetas) a mão de Deus que os ampara, tropeçam e caem na abismo, mas nunca o abismo conheceram. São gigantes e seu sôno dorme num berço mais pequeno que uma casca de nós. Dante, gigante das montanhas do outro mundo! António Nobre, meu menino que mal nasceu e logo fala!"

Agora, nesta apreciação do livro de Correia de Oliveira, depois de apresentar como os quatro mais altos poetas portugueses Camões, Fr. Agostinho da Cruz, Antero e... Pascoais (!), sai-se com esta assombrosa tirada: "Com efeito: se não há pior mal para o Poeta que não seja qualquer preocupação, pois que o Poeta em sua altura ansiosa é expressão da liberdade pura, quando o poeta deixa de tomar um caminho que não seja o de maior simplicidade ou de maior profundidade, perde em Verdade (!!), é apenas uma suave poeira de comoção que a menor brisa fácilmente desperta, porque se pulveriza a si próprio:—¿Que acontecerá, pois, quando se abalança a trasladar para o poema a complexa Razão das verdades teológicas?"

Donde se conclue:

- 1.º—Que a poesia litúrgica não é *poesia*;
- 2.º—Que a fé dos poetas não busca a intelligência, como nos outros cristãos: *fides quaerens intellectum*;
- 3.º Que o grande poeta é aquele que não tem preocupação—por onde chegaremos à arte pela arte;

4.º Que todos os épicos deixam de ser poetas (nisto é coerente o sr. Guedes de Oliveira).

Não, não pode ser, não é assim. Eu acho bem, ou, melhor, admito que se queira apenas amar e louvar a Deus humildemente, desprezando a sciência livrêscã, a "sciência vã e mundana" de que fala a *Imitação*. Felizes os que podem viver assim tranquilamente, sem sobresaltos, sem dúvidas, sempre cheios da graça de Deus e da Sua sciência sôbre todas preciosa. Agora também acho certo que aquêles que assim vivem sôbre si, apenas comuniquem com os homens por suas obras, frutos da vida interior, abstendo-se de usarem dos mesmos processos de que usam os que vivem numa constante inquietação mental. Por exemplo—a crítica. Defender o inintellectualismo racionando, atacar a erudição, citando, pedir só comoção criticando, apontando êrros, defeitos de execução—parece-me incoerência. Não será?

...Mas o sr. Guedes de Oliveira vai achar tudo isto «tôlos enre dos metafísicos»!

M. C.

"Nação Portuguesa"

A *Nação Portuguesa* suspendeu por algumas semanas a sua publicação:—assim teve de ser por virtude da remodelação que foi necessário fazer na sua tipografia. A admirável revista, larário do mais puro e devotado nacionalismo português, reaparecerá durante o mês de Outubro, com tipo inteiramente novo e de molde a melhor corresponder ao carinho nunca desmentido que há muitos anos lhe consagram os nacionalistas portugueses,—e, em primeiro lugar, os integralistas.

Mas bem podem compreender os nossos amigos, assinantes leitores que sacrificio formidável não foi necessário fazer, para, em época de crise como a que atravessamos, renovar inteiramente uma tipografia. Por isso apelamos para todos os nacionalistas portugueses,—por isso apelamos, e mais vivamente, para os Integralistas, no sentido de que façam da *Nação Portuguesa* a mais ampla, a mais justa, a mais devotada propaganda!

E' necessário que a *Nação Portuguesa* viva, prospere, e veja dia a dia ampliado o seu raio de acção. Só há uma forma:—vêr dia a dia ampliada a lista dos seus assinantes. E' isto facilimo *se* os nossos amigos QUIZEREM. Em primeiro lugar—nenhum nacionalista português e (*principalmente!*) nenhum *integralista* tem o direito de recusar a sua cota parte do auxílio ao nosso movimento:—óra o meio actualmente mais eficaz é o de assinar a *Nação Portuguesa*. Em segundo lugar,—todos os assinantes devem (*e podem se quizerem*) conseguir mais assinantes. Fixe-se bem isto:—a *Nação Portuguesa* é já hoje a revista de cultura que, em Portugal, maior expansão alcançou. Mas se cada assinante da *Nação Portuguesa* conseguir *outro* (e quem não tem entre os seus amigos pessoais *um só* que o possa fazer *se lhe pedirem?*) a expansão da *Nação Portuguesa* será tão larga e muito mais profunda do que a de quasi todos os jornais políticos.

A *Nação Portuguesa* será uma fôrça com que seja necessário—forçoso!—contar na vida pública nacional!

QUE TODOS OS INTEGRALISTAS PORTUGUESES SAIBAM CUMPRIR O SEU DEVER!

Maurras e a Igreja

O Santo Padre Pio XI, em carta dirigida ao Cardeal Arcebispo de Bordéus, condenou em termos precisos e claros certas maneiras de pensar do publicista Charles Maurras.

Devem, portanto, os integralistas portugueses abster-se de seguirem o ensinamento do mesmo escritor francês em tudo aquilo que não fôr rigorosamente conforme à doutrina da Igreja, em especial, no que diz respeito à attitude filosófica, ao neo-paganismo e ao neo-classicismo.

Note-se, porém, que esta condenação da doutrina filosófica e da escola literária de Maurras em nada influe nas suas teorías políticas, como nada tem que vêr com as doutrinas da "Action Française".

O "Integralismo Lusitano" que sempre foi católico e que nunca teve quaisquer relações que não fôsem as de mera analogia com a "Action Française", considera-se inteiramente à parte na questão debatida.

Cinco de Outubro

O cinco de Outubro dêste ano foi soturnamente comemorado, sem entusiasmos, sem furores, com uns foguêtes estralejando a mêdo, uns cortejos mirrados, uns discursos gágás e uma parada sem brilho.

E' que as disputas e as hesitações surgiram à ultima hora. Uns porque duvidavam que a Republica seja a mesma que raiou em 1910 para castigo dos nossos pecados; outros porque queriam o monopólio da festança; a maior parte porque estão cansados, estão descrentes e concluem que não vale a pena. E o *Mundo* e o *Rebate*, surpreendidos à ultima hora pela falta de original, tiveram que lançar mão dos velhos e já gastos "clichés" da guerra à reacção!

Poderíamos associar-nos ao júbilo dos bons republicanos consagrando algumas páginas à excelência e bondade do regime e à sua gloriosa história. Preferimos, porém, deixá-los em paz. Mas para ao menos prestarmos o nosso limitado auxílio à pacificação da familia républicana, sempre lhes diremos que não têm que duvidar: esta républica é a própria, a boa, a autêntica que foi proclamada há desasseis anos. Basta para disso nos convencermos a leitura das seguintes palavras ditas por Gomes da Costa ao *Correio dos Açores*: "Portugal continúa a ser um país de analfabetos, sem exército, sem marinha, sem estradas, e com um operariado devorado pela falta de hygiene, pelo alcool e pela tísica em casas gaiolas que são uma blasfémia e um crime numa nação que se gaba de civilizada".

Haja alegria!

O sr. dr. Bettencourt Rodrigues (ilustre ministro dos estrangeiros)—vem satisfeito de Genebra. O ilustre ministro dos Estrangeiros (sr. dr. Bettencourt Rodrigues) tem razão:—desta vez ainda nos não *mandataram* as colónias.

E tem razão também o sr. dr. Bettencourt Rodrigues (ilustre ministro dos Estrangeiros, porque a *tese* dêle, ilustre ministro dos

Estrangeiros,—(sr. dr. Bettencourt Rodrigues),—*ficou de pé*:—assim lho anunciou, com duas palmadinhas nos veneráveis costados, o sr. Paulo Boncour:—*Votre thèse reste debout, monsieur.*

Pois se ficou de pé a tese do ilustre ministro dos Estrangeiros (sr. dr. Bettencourt Rodrigues)—haja alegria—a coisa vai ser falada. O que é necessário, acima de tudo, é que a tese fique de pé. Com a tese e a velha aliança—que mais queremos nós?

Colaboração da "Ordem Nova"

Não podia a redacção da "Ordem Nova" deixar de inserir no presente número, consagrado à comemoração do centenário franciscano, o admirável artigo que António Sardinha publicou na *Monarquía* de 13 de Junho de 1918. Exprime êle superiormente a nossa maneira de sentir e de pensar e vem, além disso, mostrar a continuidade da acção integralista, sempre inspirada nos mesmos principios e orientada para os mesmos fins.

Juntámos-lhe as poesias que êsse mesmo número publicou, da autoria de Sardinha e do alto poeta que é Afonso Lopes Vieira, certos de que a nossa comemoração é assim mais delicada e mais impressionante.

Entendeu a redacção que o artigo publicado por um dos seus membros na "Epoca", de 13 de Junho do corrente ano, fazendo parte da acção da "Ordem Nova" devia sêr reproduzido também neste número. Assim se fez para atestar a boa vontade de nós todos e o desejo de bem fazer que nos possui.

EXPEDIENTE

Condições de assinatura

	6 números	12 números
Continente, Ilhas e Espanha	12\$50	24\$00
Colónias portuguezas	—	36\$00
Estrangeiro.	—	40\$00

Número avulso: 2\$50

Para os assinantes da *Nação Portuguesa* e eclesiásticos, no Continente:

6 números: 10\$00

12 números: 20\$00

As assinaturas não pagas directamente à Administração sofrem um aumento de *um escudo* para despesas de correio. As despesas de cobrança das assinaturas das colónias e estrangeiro são de conta dos srs. assinantes.

A todos aqueles para quem enviamos a revista e não a queiram assinar pedimos a fineza de a devolver no mais curto prazo de tempo. Aos que a não devolverem manda esta administração cobrar, em todos os períodos de cobrança, as assinaturas em dívida. Rogamos, porém, a todos os srs. assinantes que tenham as suas assinaturas em atrazo o favor de as liquidarem prontamente, a fim de nos evitarem maiores prejuizos.

Toda a correspondência relativa a assuntos de Administração deve ser dirigida para o

Largo do Directório, 8, 3º.

LISBOA

